

DOI: 10.20911/21799024v14n2p44/2023

O humanismo interrogativo em Montaigne: A experiência da solidão como ócio criativo¹

Nelson Maria Brechó da Silva²

Resumo: O presente artigo analisa os textos *De l'oisiveté* (I,8) e *De la solitude* (I,39) de Montaigne, no intuito de discutir sobre a "solidão". A reflexão, numa primeira parte, desenvolve a diversidade de opiniões acerca do humanismo, particularmente no tocante à filosofia do "eu". O ensaísta dialoga com o pensamento humanista para deixar nítida a sua posição interrogativa em virtude da importância da *epoché*. Num segundo instante, elabora a experiência da solidão como devaneio, ou seja, ócio criativo, pelo qual se escolhe a vida solitária como encontro com o próprio "eu", de modo que realiza a suspensão de si mesmo pelo viés do caminho da alteridade, ou melhor, o "eu" que dialoga com o próprio "eu" e, conseqüentemente, com o mundo que o rodeia permeado da diversidade de opiniões.

Palavras-chave: solidão; devaneio; ociosidade.

Abstract: This article analyzes the texts *De l'oisiveté* (I,8) and *De la solitude* (I,39) by Montaigne, in order to discuss "solitude". The reflection, in the first part, develops the diversity of opinions about humanism, particularly with regard to the philosophy of the "I". The essayist dialogues with humanist thought to make his questioning position clear due to the importance of the *epoché*. In a second moment, he elaborates the experience of solitude as a daydream, that

1 Este texto é fruto de uma pesquisa em andamento de estágio pós doutoral no Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a supervisão da professora Dra. Maria Constança Peres Pissarra.

2 Doutor em Filosofia (PUC-SP). Doutor em Teologia (PUC-SP). Membro do Grupo de Pesquisa Ética e Filosofia Política da PUC-SP e Literatura Joanina também pela PUC-SP. Realiza estágio pós doutoral no Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a supervisão da professora Dra. Maria Constança Peres Pissarra. Professor do Departamento de Teologia (Faculdade João Paulo II -Marília / SP).

is, creative leisure, by which one chooses the solitary life as an encounter with his own "I", in a way that he suspends himself through the bias of the path of otherness, or rather, the "I" that dialogues with the "I" itself and, consequently, with the world that surrounds it, permeated by the diversity of opinions. Such a reading offers post-pandemic thinking the opportunity to overcome anxiety and provide solitude as an opportunity for creativity.

Keywords: loneliness; daydream; idleness.

Introdução

Em face da experiência pós-pandêmica em que se torna vigente a ansiedade e a preocupação das pessoas acerca da solidão como simples isolamento social, que, por sua vez, gera o medo, este artigo analisa os textos *De l'oisiveté* (I,8) e *De la solitude* (I,39) de Montaigne. Nesse sentido, procura-se despertar a recuperação do sentido da solidão como escolha para ter-se o prazer de estar em diálogo consigo mesmo e com o mundo. A solidão no âmbito da *epoché* e da alteridade.

A reflexão apresenta, numa primeira parte, a diversidade de opiniões acerca do humanismo, particularmente no que se refere à filosofia do "eu". O ensaísta dialoga com o pensamento humanista para deixar bem claro a sua posição interrogativa em virtude da importância da *epoché* entendida como suspensão do juízo, pela qual é possível o distanciamento de si mesmo para refletir a precariedade da natureza humana, visto que o filósofo admite a postura cética de sempre se questionar diante da diversidade de opiniões, ao invés de se fechar numa única opinião. Por esse motivo, ele oferece abertura do senso crítico sobre as vicissitudes da natureza humana e do mundo moderno pelo viés da filosofia do "eu".

Num segundo instante, elabora a experiência da solidão como ócio criativo, pelo qual escolhe-se a vida solitária como encontro com o próprio "eu", de modo que realiza a suspensão de si mesmo pelo viés do caminho da alteridade, ou melhor, o "eu" que dialoga com o próprio "eu" e, conseqüentemente, com o mundo que o rodeia permeado da diversidade de opiniões. A ociosidade permite desfrutar melhor o tempo em vista da reflexão em torno das experiências.

O humanismo interrogativo de Montaigne abre a possibilidade da descoberta da natureza humana e da sua apreciação pelo devaneio como fonte fundamental ao desenvolvimento do ócio criativo. Tal leitura procura contribuir à concepção da solidão como uma escolha enriquecedora ao bem viver.

1. A diversidade de opiniões acerca do humanismo

O renascimento e o humanismo do século XIV a XVI apontam uma diversidade de opiniões. Por um lado, favorecem a acentuação antropocêntrica para se compreender o humano e o mundo. Disso resulta o desenvolvimento da subjetividade para aquisição do conhecimento greco-romano de uma nova forma diferente da visão medieval, que coloca o teocentrismo como ponto de referência a respeito da razão e da fé. O universo humanista olha os pensadores clássicos pelo viés da razão e da capacidade de erudição. A memorização e a repetição deles estão diretamente ligadas ao subjetivismo. Por outro, nota-se, em Montaigne, um novo modelo de humanismo, pois interroga a si mesmo e o mundo pelo exercício do ensaiar, de sorte que interpela a própria natureza na busca incessante do conhecimento.

Garin aponta bem o modelo do “homem do Renascimento” a partir do ambiente italiano até chegar a todo território europeu:

Largamente utilizada, a expressão um tanto ambígua “homem do Renascimento” aparece na Literatura e na História associada a interpretações generalizadas de um período histórico muito preciso, o Renascimento, situado por volta de meados do século XIV e finais do século XVI, e que teve as suas origens nas cidades-estados italianas, de onde se propagou depois por toda a Europa, como se nessa época tivessem circulado em número relevante tipos e exemplares humanos com características especiais, dotes e atitudes particulares e funções novas. Passando, com o decorrer dos tempos, das cidades italianas para outros países europeus, e propagando-se a outras terras, essas figuras humanas e essas características foram-se naturalmente modificando e por vezes mesmo de uma forma muito sensível (1995, p. 1, tradução nossa).

Lima Vaz (1991) ressalta que a civilização renascentista se compreende como idade do *humanismo*. Este, por sua vez, envolve uma nova sensibilidade em face do homem, assim como a redescoberta da literatura clássica para exaltar a *dignitatis humanae* como a reiteração consciente de um tema proveniente de Sófocles e da Sofística grega. Além do mais, Lima Vaz (1991) focaliza dois aspectos: contemplação e agir. Primeiro, a atividade da contemplação – *theorein* ou o *contemplari* que atesta a grandeza do homem e sua eminente dignidade. Segundo, o agir – *operari* que implica a capacidade de transformação do seu mundo que passa a ser o indício incontestável da superioridade do homem.

Bignotto (1992), em diálogo com Lima Vaz, sublinha três momentos da Renascença. Primeiro, Petrarca e os primeiros humanistas, nos quais se vê uma redescoberta do caráter cívico do homem. Ao retomar as antigas concepções da vida pública, esses pensadores esbarram na ideia de cidadão participante e conferem uma importância decisiva, justamente pelo fato de que só se almeja a plena identidade através do desenvolvimento da participação nos negócios da cidade. Segundo, pode-se enfatizar a figura de Pico della Mirandola. Ele trata da ideia da *dignitatis humanae* e de suas possibilidades infinitas no mundo. Terceiro, o conceito do homem universal, que se encontra em Marsílio Ficino, no qual

confere a sanção metafísica que falta-lhe e que favorece a construção de muitas das teorias antropológicas.

Ao se atenta à obra *Discurso sobre a dignidade do homem* de Pico della Mirandola, constata-se o papel do homem como semelhante a Deus, uma vez que recebe a capacidade racional. Na ordem da criação, o homem é criado por último e, por essa razão, os animais estão dispostos ao homem. Mirandola afirma:

Já o Sumo Pai, Deus arquiteto, tinha construído segundo leis de arcana sabedoria este lugar do mundo como nós o vemos, augustíssimo templo da divindade. Tinha embelezado a zona superceleste com inteligências, avivado os globos etéreos com almas eternas, povoado com uma multidão de animais de toda a espécie as partes vis e fermentantes do mundo inferior. Mas, consumada a obra, o Artífice desejava que houvesse alguém capaz de compreender a razão de uma obra tão grande, que amasse a beleza e admirasse a sua grandeza. Por isso, uma vez tudo realizado, como Moisés e Timeu atestam, pensou por último criar o homem (2008, p. 54).

Na ótica de Pico della Mirandola, a função do homem consiste em dirigir a sua própria vida e ser árbitro dos demais seres. Esta é a responsabilidade do homem, a fim de que possa olhar atentamente as coisas, em virtude da concórdia e da sua dignidade. Mirandola continua:

Assim, tomou o homem como obra de natureza indefinida e, colocando-o no meio do mundo, falou-lhe deste modo: Ó Adão, não te demos nem um lugar determinado, nem um aspecto que te seja próprio, nem tarefa alguma específica, a fim de que obtenhas e possuas aquele lugar, aquele aspecto, aquela tarefa que tu seguramente desejares, tudo segundo o teu parecer e a tua decisão. A natureza bem definida dos outros seres é refreada por leis por nós prescritas. Tu, pelo contrário, não constrangido por nenhuma limitação, determiná-la-ás para ti, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido (2008, p. 55).

Montaigne, em seu capítulo *Apologie de Raimond Sebond*, confronta Pico della Mirandola para falar do homem: “Disse tudo isso para estabelecer a semelhança que há entre os seres da criação e recolocar-mos entre as demais criaturas. Não estamos acima nem abaixo delas” (II, 12, 1962, p. 436, tradução nossa). Eis um ponto essencial do humanismo interrogativo em Montaigne, porque ele analisa a semelhança entre os animais e homem. Ora, cabe ao homem se colocar de uma nova forma frente aos animais, de maneira que ele possa encarar o mundo com uma postura diferenciada dos demais humanistas e que é caracterizada pela suspensão do juízo, na busca incessante do conhecimento de si e do outro.

Para Birchal, “não há, então, uma razão como ‘sujeito’ diante de seu ‘objeto’ – no sentido de que não há um limite entre o sujeito e o mundo; a razão não é ‘algo’ que poderíamos identificar” (2006, p. 240). É necessário, desse

modo, ver que a base do pensamento de Montaigne se consolida da redação dos ensaios como forma de descrever a si mesmo e a experiência que realiza diante do mundo. Por isso, denota-se o humanismo interrogativo, porque não cessa de buscar a reflexão em torno dos fatos vividos.

Em Montaigne, o “eu” julga ele mesmo através da suspensão do juízo. Segundo Santos, o ensaísta desenvolve um exercício de desconstrução humanista fundamentada na refluência para o sujeito e à naturalização do homem:

Montaigne abre o caminho à antropologia descritiva e comparatista moderna, que se desenvolverá a partir do final do século XVII e por todo o século XVIII. Mas, por outro lado, ao rejeitar o discurso antropocêntrico e ao desconstruir a retórica de divinização do homem, o autor dos *Essais* abre o passo ao processo de naturalização do homem, à progressiva reinscrição do homem na natureza [...] Mas a desconstrução montaigniana da retórica antropológica dos filósofos humanistas vai ter ainda um outro importante efeito: a refluência para o sujeito, para a subjetividade consciente de si, para o eu próprio, não tanto para o celebrar ou exaltar, mas para o manter como uma instância firme de vigilância e de julgamento, num universo de realidades e de representações onde tudo se tornou inseguro e inconstante (2007, p. 91-92).

Birchal (2006) assinala uma multiplicidade de razões em Montaigne. Primeiro, a razão como consciência de si, que é permeada pela experiência socrática no sentido da própria ignorância. Entretanto, Montaigne vai além dela, visto que a perda da noção de si como objeto no mundo se reverte na apreensão de si como sujeito das opiniões e do julgamento. O espelho do mundo devolve a compreensão da irreduzibilidade do julgamento às coisas. A razão é consciência de si e consciência do mundo como tecido desde sempre pelas palavras, representações e conceitos, portanto, pelos discursos. O mundo, conforme o capítulo *Du repentir* de Montaigne, é um livro onde se aprende, visto que “mundo é movimento, tudo nele muda continuamente” (III, 2, 1962, p. 782, tradução nossa).

Segundo, a razão como exercício do julgamento indica a crítica do desumano e relevância da suspensão do juízo para que o homem possa pintar o autorretrato. Terceiro, o exercício do julgamento como expressão de um ponto de vista pessoal em que as opiniões se tornam mero índice do sujeito, e não do objeto. O “eu” tem o seu próprio ponto de vista, suas opiniões. Montaigne parte do indivíduo que se expressa, na abertura ao diálogo e a outros pontos de vista, sempre a partir do lugar irreduzível do indivíduo que se expressa.

Quarto, a razão como discurso. A razão discursiva é o próprio discurso e o conjunto dos discursos, ao qual se vem juntar o discurso de Montaigne. Ele quer pôr-se à prova. Segundo o ensaísta, no capítulo *De l’art de conferer*, a pintura remete à reflexão e ao diálogo com as faculdades naturais e com o interlocutor: “quando me contradizem, despertam-me a atenção, não a cólera, aperto o meu interlocutor e tiro partido de seus argumentos” (III, 8, 1962, p. 902, tradução nossa). Com isso, ele dialoga com o interlocutor no exercício de um humanismo interrogativo.

Quinto, a razão como capacidade de distanciar-se de si. Os ensaios focalizam o autorretrato de Montaigne, juntamente com a inconclusão, a precariedade e o desacordo. A pintura de si envolve a razão como matéria de construção do mundo humano. Além disso, as multiplicidades de discursos, de raciocínios e das perspectivas estão imbuídas na pintura montaigniana.

Loque aponta a multiplicidade no pensamento montaigniano:

Montaigne é múltiplo. Defini-lo como cético, pura e simplesmente, parece não ser possível nem sequer quando se privilegia a *Apologia a Raymond Sebond* (II.12). O caráter assistemático de seus ensaios e as contradições em que frequentemente incorre tornam-no refratário a qualquer rótulo que pudesse confinar sua filosofia perfeita e decisivamente numa corrente determinada. Não bastasse, pois, jamais ter se denominado cético, inúmeros temas e posições, nem sempre compatíveis com o ceticismo, entrecruzam-se em sua obra, talvez o menos imprudente seja designá-lo como um filósofo em "nova figura". Entretanto, mesmo que os seus ensaios, por não visarem à célebre pintura de si, prescindam do intuito de resguardar uma coerência ao ceticismo que permitiria classificá-lo como cético, tal corrente filosófica ainda assim desempenha um papel relevante em seu pensamento. Sobretudo no que tange ao conhecimento e à religião, a filosofia de antigos como Sexto e Cícero realiza um papel considerável (2012, p. 108-109).

A influência cética é perceptível, conforme Silva, quando Montaigne realiza o questionamento a respeito de suas experiências de vida:

Montaigne apresenta profunda ligação com o ceticismo. Este, por sua vez, possui duas faces. Por um lado, significa que nada é verdade. Por outro lado, que nada é falso. Desse modo, Montaigne incorpora a formação cética e, inclusive, ultrapassa-a, uma vez que principia por ensinar que toda verdade se contradiz, quiçá acabe por reconhecer que a contradição seja verdade. Aliás, a primeira e a mais fundamental das contradições é aquela pela qual a recusa de cada verdade descobre uma nova espécie de verdade. O autor demonstra uma infundável dúvida assente em si mesmo, a religião e o estoicismo (2019a, p. 223).

Eva sublinha as relações paradoxais nos ensaios:

Antes de mais, algumas precauções metodológicas. Ainda que nem todas as asserções dos *Ensaíos* possam assim ser compreendidas, frequentes são, como veremos, as passagens dessa obra que se apresentam sob formas paradoxais. Mas é particularmente importante evitar o enquadramento prematuro daquilo que se apresenta, à primeira vista, em forma de paradoxo como se fora uma pura e simples contradição [...]. É certo que um traço importante da reflexão nos *Ensaíos* reside em seu caráter assumidamente provisório, decorrente da liberdade que o autor encontra para voltar atrás em relação ao que dissera, mesmo ao preço de se contradizer (2007, p. 22).

A ordem dos ensaios se situa, segundo Tournon, no testemunho:

A verdade dos Ensaaios não se situa na ordem dos conhecimentos, filosofia ou erudição, mas na ordem dos testemunhos. Nela conjugam-se a ética feudal da honra e as exigências das cortes de justiça: fidalgo e magistrado, Montaigne conhece duplamente o peso da palavra dada; não se dirige àqueles que lhe reclamariam outras garantias (2004, p. 117).

O humanismo interrogativo, em Montaigne, é notório em cada passagem dos ensaios. O ceticismo, o epicurismo, o estoicismo e o humanismo se entrelaçam em suas reflexões, de modo que revelam o humanismo interrogativo, pelo fato de que suspende o juízo em vista do homem estar em sintonia com os animais, pois a natureza pode muito ensinar o homem no âmbito do cuidado, bem como situar o próprio inacabamento humano.

Por conseguinte, constata-se no século XVI, o retorno aos antigos, usados como fonte de inspiração e como guias às questões mais surpreendentes da filosofia. Contudo, no caso de Montaigne, há uma preocupação assídua seja com a forma de escrever os ensaios, seja com o equilíbrio nas glosas utilizadas, logo após as citações dos pensadores clássicos. Disso decorre que o autor combina o uso da língua francesa com o latim de forma espetacular, visto que não somente demonstra erudição latina, pelo contrário, utiliza o estilo cético para fluir novas maneiras de ver a natureza pela via da filosofia do "eu". Por esse motivo, pode-se afirmar que o seu humanismo é interrogativo.

2. A solidão e o ócio criativo na constituição do humanismo interrogativo

O humanismo interrogativo no pensamento de Montaigne permite percebê-lo como um filósofo da vida. Isso implica que os questionamentos em torno da importância da solidão como do ócio são importantes para que o espaço filosófico seja de criatividade e sem a necessidade de realmente propor alguma solução. É interessante entender este espaço como ócio criativo capaz de proporcionar o diálogo entre a teoria e a experiência.

Garin explicita a condição humana como um estado de pesquisa:

A cultura não consiste em receber passivamente conhecimentos, definitivamente elaborados, consiste em tornar-se capaz de agir, de descobrir, de conhecer, porque a condição humana é um estado de pesquisa, de atividade eterna, e não de posse definitiva. E como não se pode aprender sem já saber, a melhor maneira de progredir no conhecimento, mantendo-se livre, isto é, sem se deixar obcecar pela ideia adquirida, será observar como os grandes homens do passado adquiriram conhecimento, confrontando nossa situação com a deles, nossa humanidade com a deles (1968, p. 79-80, tradução nossa).

Montaigne procura se confrontar diante de suas dúvidas no processo de elaboração dos ensaios. A experiência da solidão o leva ao encontro com os autores clássicos para citá-los e compor as suas glosas, que são repletas de expe-

riências vividas e refletidas, por intermédio da memória e da escrita como forma de assegurar no mundo literário.

Ferrari descreve o pensamento de Montaigne com as características da imprevisibilidade e da incerteza:

A atividade intelectual testada por Montaigne em seu livro é, no entanto, caracterizada por algumas características essenciais: é imprevisível e incerta, resultando em progressos ocasionais na ordem das ideias ou “concepções” que conduzem a regiões novas e pouco familiares do pensamento a explorar (2016, p. 216, tradução nossa).

Outro ponto que Ferrari elucida é que Montaigne “opõe o treino e a prova de juízo inerentes ao ensaio ao conhecimento, exercitando a memória, cuja fonte está fora de nós, que é típico da doutrina” (2016, p. 216, tradução nossa). O ensaísta estuda a si mesmo. Com efeito, Ferrari aponta a seguinte definição dos ensaios: “nos Ensaaios de Montaigne, tanto a palavra “essai” quanto o verbo “s’ensayer” indicam um modo de pensar e escrever, uma prática reflexiva e discursiva” (2016, p. 215, tradução nossa). Esta explicação do sentido dos ensaios corrobora na compreensão do papel da memória no registro das experiências num exercício reflexivo e discursivo.

Roussel compara o ócio em Montaigne com o ócio virtuoso de Sêneca. O resultado da vivência do ócio se encontra na própria matéria do exercício do julgamento, ou seja, a suspensão do juízo na redação dos ensaios:

Sabemos que esse ócio, convencionalmente projetado para a expectativa de uma vida estudiosa segundo o modelo de ócio virtuoso valorizado por Sêneca no *De otium*, era na verdade a experiência oposta de um espírito desenfreado, “bancando o cavalo fugitivo” e dando à luz continuamente essas “quimeras e monstros fantasiosos” que os Ensaaios, conscientes da sua “inépcia e estranheza”, decidem e pretendem por fim “colocar em papel”, escrever o registro continuamente refletido deles que se torna a própria matéria do exercício do julgamento. Isso é claramente explicado por uma observação no capítulo “Da presunção” (II,17) (2016, p. 67-68, tradução nossa).

De acordo com Roussel, a solidão corresponde a um alerta para si mesmo e como resposta à acusação de autoindulgência:

Não se trata, portanto, tanto de idealizar esta forma de solidão procurada como o único acesso real a si mesmo respondendo à preocupação moral de compreender o que se é e como se deve viver, mas de alertar, nesta mesma pesquisa, sobre o que ainda poderia ser muito complacente e inevitavelmente equívoco, como Montaigne critica as cartas publicadas de Cícero e Plínio. O que certamente deve ser entendido como uma advertência dirigida a si mesmo, mas também como uma resposta à acusação de autoindulgência que não deixou de lhe ser devolvida e à qual os acréscimos posteriores procuraram responder, em particular no capítulo “Do exercício” (II, 6) que inclui um longo incisivo sobre esta questão (ROUSSEL, 2016, p. 69, tradução nossa).

Conforme Desan, um traço característico do humanismo em Montaigne se encontra no capítulo *De l'amitié* (I,28), quando o ensaísta descreve a amizade como símbolo do mais humano dos sentimentos.

A amizade conforta o indivíduo pelas propriedades que lhe são atribuídas: transcendência da história e referência a um fundo comum de humanidade e harmonia universal, como se a amizade definisse o homem na sua essência. O humanismo coloca a amizade num pedestal, porque simboliza o mais humano dos sentimentos. (DESAN, 2014, p. 159, tradução nossa).

Segundo Silva e Pissarra, a solidão promove a produção literária:

A solidão, em Montaigne, desperta a produção literária impregnada de citações clássicas. O ensaísta fez o estudo profundo do latim, a fim de fortalecer a *virtus*. Ele é uma pessoa virtuosa, porque, apesar de passar pela experiência da morte de La Boétie, não se deixa levar pela melancolia, pelo contrário, ele encontra no silêncio em suas terras, especialmente no Castelo a oportunidade de resgatar a esperança de dar continuidade a vida, mesmo com a ausência do amigo, de sorte que a solidão ganha o sentido de alteridade. A postura de escrever no ócio solitário é similar ao encontro com o amigo, pois instiga o filósofo a retornar na posição daquele que duvida acerca de si e do mundo (2023, p. 33).

A dúvida é algo fundamental no processo de entendimento sobre o papel do ócio solitário, porque abre margens à curiosidade e à criatividade, que são traços essenciais do humanismo interrogativo em Montaigne. Disso decorre o ócio criativo enquanto oportunidade da pintura do autorretrato. É interessante, ainda no pensamento dele, a presença do termo "devaneio", no capítulo *De l'oisiveté* (I,8). Embora, descreva mais acerca da solidão e da ociosidade:

E nesse estado [imaginação] não há loucura nem devaneio que não produzem certa agitação [...]. Retirei-me há tempos para as minhas terras, resolvido, na medida do possível, a não me preocupar com nada, a não ser o repouso, e viver na solidão os dias que me restam. Parecia-me que não podia dar maior satisfação a meu espírito senão a ociosidade, para que se concentrasse em si mesmo, à vontade, o que esperava pudesse ocorrer porquanto, com o tempo, adquiria mais peso e maturidade (I, 8, 1962, p. 34, tradução nossa, entre colchetes nosso).

Quando se analisa o capítulo *De la solitude* I,39, nota-se que Plínio e Cícero sugerem a relevância da glória. No entanto, segundo Epicuro e Sêneca, é fundamental abandonar qualquer ideia de glória e renome. Não se preocupar com o saber e com as capacidades. A pessoa, de acordo com Montaigne, deve valer mais do que ela, pois o ensaísta resgata o essencial do humano: a capacidade de aprender constantemente na "escola da vida". A experiência é mais importante do que a glória, uma vez que conduz ao exercício do recolhimento e da prudência. Para Silva, o homem deve viver conforme a natureza no encontro consigo mesmo, que é essencial à saúde mental:

Montaigne apresenta uma profunda ligação com Sêneca no tocante à saúde. Ela se relaciona com a vida do *otio*. Sêneca, na sua reflexão *De otio*,

Da vida retirada (cf. SÊNECA, 2018, p. 17-31), visa a justificar a vida dedicada aos estudos, conciliando-a com os deveres da vida pública. O homem, que deve viver conforme a natureza, pode dedicar-se à meditação (*otium*), em razão de que pode ser útil a todos. Nesse sentido, o homem deve ser, possivelmente útil a muitos; se não, a poucos; se nem a esses, aos mais próximos ou somente a si mesmo. Com efeito, ao agir desta forma, ele terá conseguido realizar uma obra que possa ser considerada de valor. O silêncio conduz o homem à saúde mental, tão fundamental para que ele cultive o encontro consigo mesmo. (2019b, p.485).

Montaigne mostra que para Sêneca o público deve ser uma só pessoa e que uma só pessoa tenha a importância de um grande público. Propõe para o recolhimento, mas antes indica a preparação para receber a si mesmo, a fim de deixar de lado a glória. Eis o conselho de verdadeira e natural filosofia montaigniana. O pensamento de Plínio e de Cícero é considerado por Montaigne como marcado pela filosofia da ostentação e de profunda verborragia.

No ensaio intitulado *De l'expérience* (III, 13), Montaigne afirma que estuda a si mesmo mais do que qualquer outra coisa e esse estudo constitui toda a sua física e a sua metafísica: "Estudo-me a mim mesmo mais do que qualquer outra coisa e esse estudo constitui toda a minha física e a minha metafísica" (III, 13, 1962, p. 1050, tradução nossa). Invoca a escuta da experiência e vê-se que ela diz tudo aquilo de que se tem necessidade especial. Ele gostaria mais de entender bem o que se verifica em si mesmo do que compreender perfeitamente Cícero. Os ensaios, segundo o ensaísta, são registros de experiências de sua vida como emaranhado de frases: "Em suma, todo este ensopado de frases aqui jogadas algo confusamente constitui uma espécie de registro das experiências de minha vida" (III, 13, 1962, p. 1056, tradução nossa).

Ao voltar no capítulo *De la solitude* (I, 39), percebe-se que Montaigne fala da ambição, da avareza, do medo, da concupiscência e da indecisão que acompanham o homem até nos claustros e nas escolas de filosofia. O fim que se visa quando se procura a solidão é, segundo Montaigne, "viver mais à vontade e como nos agrada; mas nem sempre acertamos com o caminho" (I, 39, 1962, p. 233, tradução nossa). Todavia, nem sempre se acerta com o caminho. Muitas vezes, imagina-se ter abandonado quaisquer ocupações e não se faz senão mudar a atividade. É necessário, então, a concentração em si mesmo: "[...] e então nos concentramos em nós mesmos" (I, 39, 1962, p. 234, tradução nossa).

Conforme Montaigne, "é preciso ter como reserva um recanto pessoal, independente, em que sejamos livres em toda a acepção da palavra, que seja nosso principal retiro e onde estejamos absolutamente sozinhos" (I, 39, 1962, p. 235, tradução nossa). Disso resulta o entretenimento de si consigo mesmo, e a essa conversa, que não versará nenhum outro assunto, ninguém será admitido. A virtude satisfaz-se com ser, sem necessidade de regras, palavras e consequências.

Para Montaigne, já se vive bastante para os outros, viva-se para si ao menos durante o pouco tempo que resta. Isole-se e na calma: "[...] rememoremos nossos pensamentos e nossas intenções" (I, 39, 1962, p. 236, tradução nossa). "A coisa mais importante do mundo é saber pertencermos-nos [ser para si]" (I,

39, 1962, p. 236, tradução nossa). Não é nada fácil um retiro consciencioso. A coisa mais importante do mundo é saber pertencer a si mesmo. Já é tempo de se retirar da sociedade. Se se faltam forças, recua-se e recolha-se.

De acordo com Montaigne, os “livros agradáveis e fáceis que distraem: me fornecem regras para orientar a vida e preparar-me para a morte” (I, 39, 1962, p. 241, tradução nossa). As letras são um agradável passatempo, mas não se deve absorver nelas a ponto de perder a alegria e a saúde, o que em suma é mais precioso, pois ainda perde-se o encanto de viver, que está relacionado ao ato de experimentar as letras e não simplesmente decorá-las. Segundo Benmakhlouf, a conversação, em Montaigne, implica o aprendizado do temperamento:

A conversação gira em torno do que é mais difícil de apreender filosoficamente: o temperamento. A civilidade da conversação, sem de forma alguma confundir-se com suavidade, era para Montaigne uma forma de cortesia e até de justiça pelo equilíbrio e pela reciprocidade que permite construir entre os seres (2016, p. 19, tradução nossa).

Em Montaigne, urge a necessidade de se manter no tempo a memória, em outras palavras, a consciência. Contudo, é uma corajosa luta para resgatar o vivido no escrito. Assim, descreve-se num quadro, que corresponde aos ensaios para a manutenção de algo que ainda resta na consciência. Os ensaios são, portanto, quadros do vivido, que podem ser perdidos com o tempo através do esquecimento.

Pode-se perceber no decorrer dos “Ensaaios” que o autor redige de diferentes formas, pois em cada redação, abre-se uma nova possibilidade de interpretação de si mesmo e assim por diante. O movimento entre o presente e o passado gera a permanência, que são os ensaios, como forma de presentificar o passado e apontar para o futuro, que indica cada leitor dos *Ensaaios*. Silva focaliza a precariedade da natureza humana:

A natureza humana é precária e ao torná-la como objeto de reflexão, é possível ver aspectos que ainda não foram vistos. Ensaiai significa, assim, analisar a própria natureza e encantar-se com aquilo que é desvendado. Ademais, não pode ser compreendido como tratado e tampouco como uma biografia e sim como uma experiência árdua de descrever as principais experiências marcantes da vida para ampliá-las na escrita delas, de maneira que ocorre uma ligação entre o vivido e o escrito marcado pelo tempo e pela memória (2021, p. 9).

Para Montaigne, o sábio saudável é quem se retira da vida na sociedade, guia-se pelas regras da razão, e procura ordenar a nova existência com prudência e sensatez. O ensaísta diz não se interessar pela glória, porque ela e o repouso são incompatíveis entre si. A disposição de espírito mais contrária à vida solitária está na ambição. É necessário sublinhar o sentido positivo da ambição não como ostentação e sim como inspiração pelo gosto de desfrutar a solidão como produção do ócio criativo.

Em suma, Montaigne evoca a ociosidade e a solidão como elementos imprescindíveis na prática da alteridade. Assim, ele trata da consciência de si não

como controladora do mundo, mas como em questionamento de sua própria conduta na prática de uma vida, de fato, virtuosa arraigada pelo comprometimento da esfera vital. Se a vontade de descobrir novos mundos e de explorar novas fronteiras do conhecimento eram tão pertinentes na época do ensaísta, ele incorpora o desejo de suspensão do juízo, mesmo que corra o risco de não chegar a lugar nenhum. A curiosidade ilimitada e o inacabamento da sua argumentação abarcam os principais traços dele, pois vê no mundo um campo infinito para seu desejo de saber e de não meramente repetir ou controlar com o uso do poder. Desse modo, a maneira dele ver o mundo demonstra o seu humanismo interrogativo.

Considerações finais

Portanto, a função da solidão em Montaigne inerente ao questionamento diante de si mesmo e do mundo indica a leitura de um humanismo interrogativo em seu pensamento. Com isso, esta reflexão aponta três aspectos fundamentais:

Primeiro, Montaigne valoriza a solidão como ócio criativo, de maneira a descrevê-la através do ato de ensaiar para resgatar no escrito as principais experiências vividas e que se encontram na memória. Ao registrá-las, enriquece-se com as citações dos clássicos e das glosas do ensaísta. Estas apresentam a sua visão humanista e cética agregada pelo diálogo consigo mesmo no devaneio e na ociosidade. Isso implica o humanismo interrogativo nele, visto que não cessa de compor o autorretrato, que evoca o afloramento da subjetividade na vigência do século XVI.

Segundo, Montaigne aparece como filósofo da vida, porque desenvolve a reinscrição da pessoa na natureza. O seu pensamento não mostra a pessoa como situada no centro do universo e sim apresenta-a com uma afirmação renovada do sentido humano em sintonia com os demais seres do mundo. O humanismo do autor é, nesse sentido, interrogativo. Deseja, simplesmente expressar o que ele é, a tal ponto de fazer uma metafísica de si mesmo. Cita, inclusive, os autores clássicos não para simplesmente repeti-los ou para que seu escrito seja considerado erudito, pelo contrário, utiliza-os à medida que eles corroborem com os seus juízos acerca da experiência da vida.

Terceiro, ensaiar implica ler os pensadores e digeri-los, sem a preocupação lógica e sim com a retórica no sentido de discursar da forma que Montaigne vê como mais relevante. O ensaio significa, assim, ler, experimentar e refletir. Apesar do movimento constante da subjetividade, há algo que permanece na escrita, porque ela assegura a degustação em torno do devaneio e do ócio criativo.

Tanto a ociosidade, quanto os devaneios possibilitam a leveza da espontaneidade, tão necessária frente à ansiedade, ao isolamento social caracterizado pelo medo, ao excesso de barulho, de trabalho e de informações do mundo pós-pandêmico. O ato de ensaiar permite a integração do "eu" e do registro das

experiências, no ensejo de refletir no cenário da vida. Além disso, os devaneios promovem o enriquecimento do contato com a natureza, para que ocorra o encontro consigo mesmo.

Referências

BENMAKHLOUF, Ali. *La conversation comme manière de vivre*. Paris: Albin Michel, 2016.

BIGNOTTO, Newton. Montaigne renascentista. *Kriterion*, n. 86, p. 29-41, 1992.

BIRCHAL, Telma. As razões de Montaigne. *Síntese*, v. 33, n. 106, p. 229-246, 2006.

DESAN, Philippe. *Montaigne une biographie politique*. Paris: Odile Jacob, 2014.

EVA, Luiz. *A figura do filósofo: ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Loyola, 2007.

FERRARI, Emiliano. "A knowledge broken": Essay Writing and Human Science in Montaigne and Bacon. *Montaigne Studies*, v. XXVIII, n. 1-2, p. 213-223, 2016.

GARIN, Eugenio. *L'éducation de l'homme moderne 1400-1600*. Paris: Hachette Littératures, 1968.

GARIN, Eugenio. *L'uomo del Rinascimento*. Bari: Laterza & Figli, 1995.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 1991. v. 1. (Filosofia, 15). p. 78-84.

LOQUE, Flavio Fontenelle. *Ceticismo e religião no início da modernidade: a ambivalência do ceticismo cristão*. São Paulo: Loyola, 2012 (Coleção Faje).

MIRANDOLA, Pico della. *Oratio de Hominis Dignitate*. Trad. Maria de Lourdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2008.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. Paris: Gallimard, 1962.

ROUSSEL, François. Société et solitude selon Montaigne: faire travailler un lieu commun. *Montaigne Studies*, v. XXVIII, n. 1-2, p. 65-78, 2016.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. Montaigne e a desconstrução da retórica antropológica dos humanistas e filósofos. In: _____. *O espírito da letra: ensaios de hermenêutica da modernidade*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007. p. 81-92.

SILVA, Nelson Maria Brechó da. A filosofia da imagem de si, do corpo social e político em Montaigne. *Paralaxe*, v. 8, n. 1, p. 4-16, 2021.

SILVA, Nelson Maria Brechó da. Pintar e escrever: traços humanísticos do julgamento da amizade em Montaigne. *Poliética*, v. 7, n. 2, p. 218-255, 2019a.

SILVA, Nelson Maria Brechó da. Saúde como uma questão de saúde segundo Montaigne. In: MACEDO, Cecília Cintra Cavaleiro de; et al (Orgs.). Ética, política, religião e filosofia oriental. São Paulo: ANPOF, 2019b. p. 482-489.

SILVA, Nelson Maria Brechó da; PISSARRA, Maria Constança Peres. A solidão em Montaigne e em Rousseau: análise comparativa em diálogo com as novas linguagens. *Sapere Aude*, v. 14, n. 27, p. 27-39, 2023.

TOURNON, André. *Montaigne*. Tradução de Edson Querubini. São Paulo: Discurso Editorial: 2004.